

Tiradentes no exército colonial

João Paulo da Silva Vieira^a

Resumo: Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, é conhecido na história do Brasil como o protomártir da independência, a principal vítima da repressão portuguesa em resposta ao movimento da Inconfidência Mineira. Seu perfil pessoal e sua trajetória no Exército Colonial português, no entanto, constituem-se uma página pouco conhecida. No presente artigo o autor discorre sobre a vida de Tiradentes, desde sua juventude até o seu ingresso na Companhia de Dragões das Minas, evidenciando seu papel na conjuração.

Palavras-chave: Tiradentes, Inconfidência Mineira, Período Colonial.

Joaquim José da Silva Xavier, que receberia a alcunha de Tiradentes, nasceu no Sítio do Pombal, à margem direita do Rio das Mortes, município de São João Del Rei, onde seu pai dedicava-se à mineração e culturas agrícolas, quarto filho de uma prole de sete. Seu pai não estava incluído no rol dos homens ricos, mas era o que podemos classificar de remediado.

Muito cedo, contudo, teve Joaquim José de lutar por conta própria, devido o óbito de sua mãe, em

1755 e, logo após, de seu genitor, em 1757. Tanto que, já aos quatorze anos, ele andava empregado no serviço de tropas de cargas que iam ao Rio de Janeiro e à Bahia. Anos depois o encontramos trabalhando como comissário comercial, conforme consta de valioso livro de assentamentos do próprio Tiradentes. Através dessas viagens, contatando com costumes e ideias diferentes às de sua terra natal, foi aprimorando seus conhecimentos,

^a Coronel Farmacêutico.



mercê de seu temperamento indagativo e curioso.

Quanto à data de seu nascimento, o assento de batismo foi lavrado nos seguintes termos:

Aos doze dias do mês de novembro de mil setecentos e quarenta e seis, na Capela de São Sebastião do Rio Abaixo, o Reverendo Padre João Gonçalves Chaves, capelão da dita Capela batizou e pôs os Santos Óleos a Joaquim José, filho legítimo de Domingos da Silva dos Santos e de Antônia da Encarnação Xavier.

Tiradentes era pessoa de fácil comunicabilidade e dotado de grande poder de persuasão. Sem nunca ter frequentado uma universidade, era loquaz como poucos, conhecendo razoavelmente a língua portuguesa, o que pode ser atestado através dos escritos por ele deixados. “Era inteligente e ativo, de conversa agradável, tendo uma bela alma e excelente coração”, escreveu de certa feita o Padre Joaquim Viagas de Menezes, fundador da Imprensa em Minas Gerais. Era um homem muito estudioso e cheio de

curiosidades pelos conhecimentos humanos.

Vários depoimentos de pessoas que com ele conviveram relatam que “era uma inteligência viva e sagaz, respondendo com rapidez e firmeza a quaisquer perguntas, sempre com muita decisão e acerto”. Na prática da medicina, aprendizado adquirido com seu padrinho de batismo, obteve largo prestígio junto à população, mercê da habilidade com que exercia seu mister.

Tiradentes era um homem de coração bondoso e caritativo, paralelamente a rudez que lhe imprimia a vida, desde a sua infância difícil. Tinha temperamento simpático, expansivo, cativante e prestativo, o que lhe facilitava fazer novas amizades.

O cônego Soares de Araújo, que na época da malograda conjuração era professor no Seminário de Mariana, e conheceu o alferes ainda jovem, referindo-se a ele disse: “desde a infância revelou viveza intelectual”. Através da maneira escoceita de se expressar, dotado de timbre de voz agradável e penetrante, ele arrebatava adeptos para o



movimento libertador. Contudo, essa sua falta de “freio na língua”, o viria a perder.

Seu amigo e inconfidente, o padre Manoel Rodrigues da Costa, que retornou ao Brasil antes de falecer, em 1844, disse: “o que no Tiradentes mais se notava era a temeridade, que ele, embalado, tentou re-frear ponderando-lhe suas perigosas consequências”. E deixou ainda o importante depoimento, que “atribuía ao Alferes Joaquim José o principal papel na Conjuração”.

Seus rompantes em prol da Independência do Brasil eram contra as injustiças sociais clamantes ao vilipendiado povo brasileiro, e em particular ao povo mineiro. Comportamento típico de um líder, aquele que se alteia em defesa de seus semelhantes oprimidos pelos poderosos.

Seu amigo e também inconfidente, cónego Luiz Vieira, que retornou à pátria após o degredo, dizia sempre, “que se houvesse muitos como o Tiradentes, seria o Brasil uma República florescente”. O padre Rollim, também seu comparsa

na conjuração, considerava o Tiradentes como um herói. Basílio Me-deiros, um dos delatores do movimento ao Visconde de Barbacena, declarou “que era o Tiradentes quem concitava o levante”.

O padre Ignácio Nogueira, que o conheceu bem de perto, disse que “o alferes Tiradentes era um homem nobilíssimo, digno noutro país das atenções do governo. O único crime que tinha era amar a Pátria e querer vê-la livre do despotismo da metrópole [...] era um homem enérgico e obstinado em suas crenças, mas generoso até descuidar de si próprio, franco e leal”, assim deixou registrado nos fastos da história, seu amigo, o padre Martinho de Freitas, com quem teve estreito relacionamento.

Destarte, nenhuma razão assiste, portanto, aos que disseram e que ainda têm a ousadia e a petulância de dizer, que esse homem foi um ator secundário da trama, e que só serviu para perder seus companheiros. Desconhecem totalmente a relevância de sua participação, ou então não se deram ao cuidado de estudar o assunto com imparcialidade.



Estimado e prestigiado por todos os recantos das Minas Gerais e do Rio de Janeiro, era respeitado como homem digno e de conduta honesta. Tiradentes está muito acima e além da imagem que lhe tentaram maquirar alguns iconoclastas historiadores, embora raros, que trabalharam mais com as ferramentas da perversidade, do maquiavelismo e do antipatriotismo, do que com documentos históricos.

O COMERCIANTE E O DENTISTA

É certo que não foi um homem de sorte no comércio que empreendia pelos sertões da Bahia ou pelos caminhos rumo ao Rio de Janeiro, e tampouco em suas fracassadas minerações tentadas em uma pequena propriedade que possuía. As atividades comerciais de Joaquim José lograram pouco sucesso.

As viagens longas e cansativas que empreendia pelos perigosos caminhos da Bahia, davam-lhe mais oportunidade para o exercício habilitíssimo de dentista do que para sua

malograda profissão de vendedor ambulante para a qual não apresentava nenhum pendor. Ficava tão penalizado de ver tanto sofrimento, tanta pobreza, que acabava dando as suas mercadorias àqueles infelizes, desprovidos de bens para reembolsá-lo.

Contudo, sua habilidade de dentista foi tão marcante em sua vida, e ele a exercia tão bem, que frei Raimundo da Anunciação Penafortte deixou para a posteridade este relato: “Tirava com efeito, dentes com a mais sutil ligeireza; e ornava a boca de novos dentes feitos por ele mesmo, que pareciam naturais”.

De certa feita, numa dessas viagens pelos sertões, deparou-se em uma estalagem com um comboieiro de negros, que infligia tratos cruéis a seus escravos, açoitando-os covardemente, quase os levando a morte, saindo o Tiradentes em defesa daqueles infelizes, e promovendo uma violenta luta corporal com o perverso indivíduo.

Preso, devido a um processo que lhe moveu o vil senhor, perdeu todos os bens que levava consigo,



os animais, as mercadorias que seriam comercializadas, o ferramental de dentista e os medicamentos, decidindo retornar então à Vila Rica, com a iniciativa de assentar praça na Companhia dos Dragões daquela cidade, por entender ser um serviço menos penoso e melhor remunerado do que aquele ao qual estava se dedicando. Contava na época vinte e três anos de idade.

O EXÉRCITO COLONIAL NO SÉCULO XVIII EM MINAS

As lutas contra os holandeses no Nordeste e os franceses no Rio de Janeiro, bem como as guerras no Sul do País, deram ocasião a feitos bélicos que, a partir do início do século XVIII, influíram profundamente na organização militar da Força Terrestre.

Paralelamente, a descoberta de riquezas auríferas e diamantíferas em Minas Gerais, contribuiu grandemente para a ocupação e a incorporação desse novo e rico território à Colônia, até então desconhecido,

e também para o crescimento da organização militar terrestre, nessa primeira metade do referido século. Ampliaram-se as possibilidades de recrutamento e de criação de novas Unidades, gerando conseqüências que afetaram a estrutura militar vigente na época.

A infraestrutura colonial tinha predominantemente feição militar. É por essa razão que se diz que a história militar brasileira se confunde com a própria história Pátria. Nesse início do século, destacam-se as inovações na cadeia de comando introduzidas pelo Rei D. João V, como, por exemplo, a instituição de precedência por antiguidade, a transformação da denominação de mestre-de-campo para coronel, a premência de criação de novas unidades, o melhor adestramento da força militar, dentre outras.

As forças compunham-se, de modo geral, de tropas de primeira linha, de milícia e de corpos de ordenanças. De primeira linha eram as vindas da Metrópole, completadas por brasileiros se fosse necessário.



Mais instruídas, garantiam a autoridade militar dos capitães-generais e eram elos de ligação.

As milícias, ou tropas de segunda linha, tinham características mais civis que militares, não havendo uniformidade de critério de uma para outra Capitania; tinham os seus coronéis no comando.

As ordenanças, ou tropas de terceira linha, eram formadas com o restante da população não enquadrada nas categorias anteriores, estando toda ela automaticamente incluída neste último tipo de enquadramento militar. As ordenanças tinham para comandá-las os famosos capitães-mores, que eram os chefes civis e militares, residindo em cada vila ou aldeia, juntamente com a autoridade judiciária.

As milícias e as ordenanças formavam, em última análise, a base da ordem e da lei, porque garantiam a autoridade civil dos magistrados. Eram o sustentáculo da integridade territorial, pela sua presença efetiva, em todos os quadrantes, transformando-se assim em um instrumento de forte mobilidade social.

Enfim, a Força Terrestre incorporava toda a população da Colônia, através, sobretudo, da prestação do serviço militar nas ordenanças que, apesar da sua relativa fraqueza numérica, foi extremamente vigorosa para a manutenção do nosso território e poderoso fator de integração.

Em Minas Gerais, a organização militar desse início de século, era quase que totalmente formada por esse tipo de formação, as ordenanças. Representavam o povo em armas e, praticamente, a polícia do enorme território, a despeito da instrução militar insuficiente e precária. Assim, as primeiras gerações de brasileiros formaram-se sob os moldes desse tipo de organização militar; daí, até os dias atuais o Exército Brasileiro, por tradição, ser formado por gente do povo, das várias classes sociais e não de uma casta diferenciada.

Nesse princípio, o armamento era bastante precário e primitivo, de pequeno alcance e de pouca precisão. As unidades de infantaria, por exemplo, estavam armadas com mosquetões, espingardas, carabinas, espadas e baionetas; a artilharia



dispunha de canhões forjados em bronze e ferro.

Objetivando colocar ordem na região aurífera, criou-se em Minas Gerais, em 1709, por iniciativa do Governador da Capitania, Antônio Albuquerque Coelho de Carvalho, o primeiro terço de ordenanças, a fim de acabar com a guerra entre paulistas e emboabas, sendo preciso mobilizar duas companhias.

Em seguida, em 1719, foram criadas duas Companhias de Dragões, ambas oriundas de Portugal, uma em Vila Rica e outra em Mariana, contando cada uma com pouco mais de quarenta homens, como solicitado pelo então Governador, o Conde de Assumar, que, se sentindo sem nenhum apoio militar adequado quando de sua ida a Minas Gerais, pediu à Metrópole que enviasse à região um corpo de tropa para ali ficar sob o seu comando. Nessa época, o Governador era comum às Capitânicas de São Paulo e Minas Gerais.

Fervilhava na ocasião a movimentação de forasteiros e aventureiros, na busca frenética pelo ouro e pelas pedras preciosas, cabendo às

autoridades controlar as extrações e cobrar o quinto, evitando-se o contrabando. Somente uma força militar bem equipada, adestrada e leal para exercer tal função. O padre jesuíta italiano de nome Antonil, que esteve na região nesse período, de tão horrorizado com o que viu, deixou esse depoimento: “Deus permitiu para castigo do Brasil, a descoberta de tais riquezas em suas Minas Gerais”.

E, graças à presença dessas duas Companhias, o Governador conseguiu debelar no ano seguinte, 1720, o levante liderado pelo português Felipe dos Santos, que se rebelara contra o pagamento da quinta parte devida ao governo de toda a riqueza extraída da terra.

Sentindo a necessidade de um controle mais rigoroso e estreito da região aurífera, foi daí expedido o Alvará de 2 de dezembro de 1720, por D. João V, no qual criava a Capitania de Minas Gerais, agora independente da Capitania de São Paulo. Somente em 1735 foi então criada uma terceira Companhia dos Dragões, com sede em Cachoeira do Campo.



O alferes Joaquim José da Silva Xavier trajando o uniforme dos Dragões Reais das Minas

Amplas eram as atividades do Exército Colonial naquela época, inclusive a de polícia, tendo, de maneira particular em Minas Gerais, a incumbência da difícil missão de fiscalizar a atividade extrativista; além do combate ao banditismo,

que proliferou de maneira assustadora por toda a região em face das riquezas que se acumulavam com rapidez nas mãos dos aventureiros. Pensou-se até mesmo no controle rigoroso de quem poderia ter uma licença para adentrar à Capitania para a atividade extrativista.

E foi dentro desse bosquejo de atividades das forças militares localizadas em área tão importante do território nacional, que Joaquim José da Silva Xavier foi admitido para incorporar-se na Companhia dos Dragões, no quartel de Vila Rica, no ano de 1769, galgando os postos inferiores até ser promovido a Alferes, em 1775, haja vista os relevantes serviços que vinha então prestando à corporação, e também pela sua lealdade, disciplina e coragem, virtudes inatas no bom militar.

Tiradentes era prestativo e operoso, e, concomitantemente à atividade castrense, à qual adaptou-se sem embaraço, continuou a aplicar-se no exercício da medicina, sempre solicitado, tratando a todos com atenção e cuidado, independentemente da posição social do necessi-



tado, suprimindo dessa forma a ausência de um serviço sanitário na tropa naqueles tempos. Foi-se assim forjando a sua imagem de líder e estimado por todos, dentro e fora da caserna.

Com o açodado desenvolvimento da região, e a premência de asseverar-se da total segurança dos bens do subsolo que pertenciam a Coroa Portuguesa, em 1778, por Decreto Real, as três Companhias de Dragões, fundiram-se, transformando-se num Regimento de Linha, com o efetivo de cerca de 250 homens.

E em 1779, um ano depois, instalou-se definitivamente o Regimento de Cavalaria Regular de Minas Gerais, no aquartelamento de Cachoeira do Campo, construído para esse fim; vila onde também o Governador tinha uma residência, próximo à Vila Rica, na época considerado um dos melhores e mais modernos quartéis do Brasil e onde, atualmente, é a sede de um Colégio pertencente à Congregação dos Salesianos.

Pouco tempo depois o Regimento de Cavalaria, os Dragões de

Minas, já totalizava mais de 500 homens. Havia sido criadas também três Companhias de Tropa Irregular (a pé), vinculadas à Intendência dos Diamantes, com mais de 150 homens, e trinta e dois regimentos da força miliciana.

Militarmente, o alferes Joaquim José gozava da admiração e da total confiabilidade de seus superiores hierárquicos, tanto que, para as diligências mais arriscadas e difíceis, seu nome era lembrado de preferência. Fora escolhido de certa feita para servir de guia e segurança do Governador da Capitania, Luiz da Cunha Menezes, em viagem do mesmo pelos sertões de Minas, fim conhecer áreas de mineração, recebendo também daquela autoridade a tarefa de “tirar plantas e tirar configurações cosmográficas e geográficas do mesmo terreno”, pois o dito militar “tinha inteligência mineralógica”. Com dois soldados, fora designado para chefiar a escolta que conduzia o ouro dos “quintos”, remetidos para Portugal, através do porto da cidade de Paraty, dada a confiança nele depositada.



Outra missão de grande relevância que o alferes Joaquim José recebeu do Governador foi exterminar a “Quadrilha da Mantiqueira”, constituída por um grupo de facínoras que diariamente assaltava e matava os viajantes que iam do Rio de Janeiro para Minas, e vice-versa, dando cabo da missão em pouco tempo, e restabelecendo a ordem e a segurança. Por essa ação, Tiradentes recebeu uma interessante e importante carta assinada pela Rainha de Portugal, Dona Maria I, que o enalteceu, tratando-o como o “Comandante de Patrulha do Caminho Novo”.

O VISIONÁRIO E IDEALIZADOR DO MOVIMENTO DE INDEPENDÊNCIA.

Lembramos que Tiradentes era um homem do povo, de origem simples, acostumado a uma vida rude e dificultosa. Acima disso, ele personificava a figura da gente sofrida das auríferas plagas das Minas Gerais. Encarnava os verdadeiros anseios de liberdade que pulsavam nos

corações oprimidos dos brasileiros. Era um autêntico idealista que levava ao povo a mensagem libertadora, indiferente aos perigos expostos por todos aqueles que ousavam clamar em benefício das causas populares.

O Doutor José Resende Costa Filho, inconfidente de 1789 que retornou ao Brasil após o degredo e falecido em 1841, em suas “Notas sobre a Inconfidência Mineira”, declarou que o “Tiradentes principiou a manifestar os seus princípios de liberdade, ainda no governo de Luís da Cunha Menezes, em Minas Gerais, que sendo denunciado, aquela autoridade os desprezou, como se declara no Acórdão da Alçada, e prosseguiu com vigor no ano de 1788, princípio do governo do Visconde de Barbacena”.

Tiradentes era um militar acostumado às vicissitudes e as durezas da vida da caserna. De uma sinceridade e coragem que assustava os mais céticos. O frei Raimundo da Anunciação Pennaforte, chefe dos confessores que assistiram aos inconfidentes durante os três anos em que estiveram recolhidos às prisões



do despotismo lusitano, e localizadas na cidade do Rio de Janeiro, tendo presenciado pessoalmente o enforcamento do alferes, deixou escrito para a posteridade importante relato intitulado "Os Últimos Momentos dos Inconfidentes de 1789", onde declara:

Este homem foi um daqueles indivíduos da espécie humana que põe em espanto a própria natureza. Entusiasta com o aferro de um Quaker; empreendedor, com o fogo de um Dom Quixote; habilidoso, com um desinteresse filosófico; afoito e destemido, sem prudência às vezes, e temeroso ao ruído da caída de uma folha. Mas seu coração era bem formado.

Devassaram a sua vida, principalmente sua situação de militar, como um integrante do Exército Colonial, mas nunca se encontrou o menor indício de desonestidade, desvio de dinheiro público, contrabando de ouro ou diamante, tão comuns na época. Suas ações foram sempre pautadas na correção de atitudes e na honestidade. Jamais compartilhou de negócios sórdidos.

Os juízes que o julgaram não conseguiram imputar ao Tiradentes, manchas que pudessem tisonar a sua condição de homem público civil e, em especial, a de militar, cumpridor fiel de suas missões.

Alguns opositores o classificam de louco. Louco, sim, de amor à sua Pátria, à sua gente. Louco de amor à liberdade, em uma época em que a nação era uma imensa senzala da tirania e da vexatória exploração da coroa portuguesa.

Possuía um coração fraternal, impregnado de cristianismo. Empolgou-se com os sofrimentos alheios, muitas vezes com sacrifício próprio. Foi antes de tudo um visionário, um iluminado; como bem o interpretou a poetisa Cecília Meireles, em sua poética obra "Romanço da Inconfidência":

Pobre de quem tem um filho
Pela sorte assinalado!
Vem galopando e sorrindo
Como quem traz um recado.
Não que o traga por escrito;
Mas dentro de si – consumado.

Em conversa com um amigo, este o alertou do perigo que estava



correndo com as falas desenfreadas sobre a liberdade do Brasil, ao que o alferes retrucou: "Hei de armar uma meada que, em cem anos, se não há de desatar".

Seu grande amigo, conterrâneo e inconfidente, José Álvares Maciel, tinha pelo alferes Joaquim José uma enorme simpatia, tendo deixado o seguinte depoimento sobre sua pessoa: "Que nobre ansiedade tem ele pela grandeza do Brasil! Quando se refere à triste situação em nos encontramos, sua voz se transforma e seus olhos se enchem de lágrimas. Nunca vi tão perfeita encarnação de patriota".

Disse mais, que a primeira vez que ouviu falar na libertação do Brasil do jugo lusitano, foi através do Tiradentes, nesta cidade do Rio de Janeiro, quando recém-chegado da Europa, após concluir seus estudos em Coimbra; isso em 1788.

Alguns falsos historiadores querem dizer que o Tiradentes se ligara ao partido da conjuração. O que não é verossímil. Tiradentes, como está hoje amplamente corroborado, foi o autor da ideia.

Quando seus infortunados sócios da conjura abraçaram o movimento, já o encontraram com o seu ardente e incomensurável patriotismo, sendo por ele persuadidos. Isso aconteceu tanto em Minas quanto no Rio de Janeiro, onde havia vários comerciantes conhecedores e simpatizantes da ideia libertária, em face da espoliação que também sofriam.

E o próprio alferes Joaquim José à quarta inquirição a que foi submetido, sendo-lhe instado que declarasse a verdade acerca das pessoas que favoreciam ao movimento, ou premeditavam o dito levante, asseverou ao juiz:

Que é verdade que se premeditava o levante, que ele respondente confessa ter sido quem ideou tudo, sem que nenhuma outra pessoa o movesse, nem lhe inspirasse coisa alguma e que tendo projetado o dito levante, o que fizera desesperado por ter sido preterido quatro vezes em suas promoções.

O coronel Ignácio José de Alvarenga Peixoto, em um de seus depoimentos, declara: "Essas falas de



um levante são do Alferes Tiradentes, aquele oficial feio e de olhar espantado”. Nenhuma razão, portanto, assiste aos que disseram que esse homem foi um ator secundário no movimento e que só serviu para perder os outros. Foi ele sim, o líder, e pelos próprios depoimentos se conclui ter sido a alma de tudo.

Na nossa visão, reportando até mesmo a um aspecto filosófico, Tiradentes era antes de tudo um predestinado, aquele que veio com a motivação de estimular e acender a chama do patriotismo no povo brasileiro, no sentido de tornar esta Pátria continente, em uma das grandes nações do mundo, como presentemente já se nota, uma nação emergente, o celeiro capaz de saciar a fome do mundo, um país antibelicoso e que tem levado a vários países do mundo sua mensagem

de concórdia, harmonia e fraternidade, através das forças de paz.

A PRISÃO E A EXECUÇÃO DE TIRADENTES

Estando Tiradentes na cidade do Rio de Janeiro e sabendo, por amigos, da perseguição que o Vice-Rei determinara à sua pessoa, pois o delator já havia denunciado às autoridades o sonho libertário que o grupo maquinava em Minas Gerais, sendo o alferes de Cavalaria Joaquim José o seu principal líder.

Sua prisão deu-se no dia 10 de maio de 1789, na rua dos Latoeiros (atual rua Gonçalves Dias), num domingo à noite, não esboçando nenhuma reação à voz de prisão dada pelo alferes Vidigal, do Regimento de Estremoz.



Relievo mostrando a execução de Tiradentes



Iniciar-se-ia aí o terrível processo que se arrastaria pelo longo período de três anos.

Mantido na prisão da Ilha das Cobras, foi submetido a onze inquirições, sem, contudo, denunciar nenhum comparsa do conluio. Sem o prestígio que alguns conjurados emprestavam à glória literária, a outros a riqueza, a outros a posição social, Tiradentes ergue-se no meio de todos como o chefe incontestável, não somente por ser o iniciador audaz do movimento, mas também pelo devotamento com se entregou a essa nobre causa.

E na prisão, contudo, onde a maioria se degrada, tomou o alferes consciência de seu valor e da verdade que alcançara, e ampliando os recursos de sua generosidade, ultrapassou em muito o que fora como homem livre.

E quem tem a oportunidade de analisar as peças dos Autos da Devassa da Inconfidência Mineira, a maior e mais fidedigna fonte de informações daquela malograda sedição, sobressai sempre o papel admirável do Tiradentes. E ele, embora

fosse um dos mais humildes e modestos em posição social e cultural, se tornou graças às suas qualidades próprias que fascinavam e atraíam, o autêntico centro da conspiração.

Foi, portanto, a figura principal da Devassa. Mas, ao invés de fazer vítimas com acusações aos companheiros, foi a maior vítima. Maior e mais meritório foi o seu sacrifício, expondo-se a afrontar a morte sem hesitar, sem medo; mas com coragem e idealismo.

Foi deste modo um bravo, um autêntico herói e, por isso, resignou-se, desafiando as consequências de seu procedimento, sem direta ou indiretamente insinuar-se na piedade ou clemência dos juízes, como fizeram seus companheiros de infortúnio.

No dia 19 de abril de 1792, uma quinta-feira pela manhã, adentrou à sala do Oratório, onde se encontravam os onze conjurados, o juiz que leu a primeira sentença de morte para todos, assinada pela Rainha Dona Maria I, condenando-os à morte natural pela força, que já se encontrava levantada no Campo de São Domingos. Apagava-se então o



último lampejo de esperanças da comutação da pena máxima para aqueles infelizes.

Um suor mortal a todos ume-deceu o corpo; e tragaram a última gota do amargo fel. Prepararam-se, cada um dentro de seu estado de desesperança, para a morte que era iminente. Somente o alferes Tiradentes permanecia impassível, e num desabafo ao ver seus compar-sas em total desespero, tomados de choros convulsos, exclama:

Sempre disse aos Ministros, quando inúmeras vezes fui ao Tribunal, que só a mim fizessem justiça. Não quero levar atrás de mim tantos infelizes aos quais contaminei. Eu sou a causa de morte destes homens. Desejaria ter mais dez vidas e podê-las a todos eles. Se Deus me ouvira, só eu morreria e não eles.

No dia seguinte, sexta-feira, 20 de abril, retorna o juiz à sala do Oratório, a fim de fazer a leitura da segunda sentença, que já estava em mãos daquelas autoridades fazia muito tempo, na qual condenava à morte natural, pela força, apenas o

alferes de Cavalaria Regular de Minas Gerais, Joaquim José da Silva Xavier, tendo o frei Raimundo da Anunciação Pennaforte, registrado mais essa expressão gloriosa do Protomártir de nossa Independência, em seu "Últimos Momentos dos Inconfidentes de 1789":

Que agora morreria cheio de prazer, pois não levava após si tantos infelizes que arrastara; esse sempre foi o seu desejo, todas às vezes que fora à presença dos Ministros, pedindo que fizessem dele a única vítima da Lei.

Evidentemente, não era esse um homem banal, comum, como querem alguns raros detratores de sua imagem.

EPÍLOGO

Era morto o Tiradentes! Pelo Caminho Novo que ligava Minas ao Rio, não mais ecoariam os brados de "Viva a Liberdade! Viva a Nova República!" - ensaiados por um ouvido e intrépido alferes de Cavalaria



das Minas Gerais. O sonho libertário de um povo sofrido, jazia balouçante pendurado em uma imensa força erguida em praça pública, nesta cidade do Rio de Janeiro.

E ainda hoje, quando visitamos o sítio histórico da prisão da Ilha das Cobras, onde Tiradentes ficou recolhido durante três anos, parece-nos que:

Véspera de 21 de abril de 1792.

De úmidas masmorras, inda ouço,
O tilintar arrastado de correntes,
Por um Alferes, antes iluminado,
Agora, um prisioneiro malquerente.

Ah! Pusilânimes companheiros de conluio...
Não importa se lhe assacaram acusação.
Somente os fortes, bravos e destemidos
Imortalizam-se nos fastos de uma nação.

Sofredor - aquele pelo destino assinalado;
Neste mundo, não encontra guarida.
Eterniza em pósteros dias suas façanhas,

Como um fanal, a nos guiar em vida.

Vá Tiradentes. Galgue o patíbulo da ignomínia.

Cumpra com galhardia sua missão final.

Mostre aos ostentadores do despotismo,

Que nesta terra se morre por um ideal.

E quando, atualmente, temos a ventura de retornar à Vila Rica de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto, berço do ideário de liberdade no Brasil, em cada rua, dos frontispícios das igrejas, das sacadas floridas dos vetustos solares, a mística dos Inconfidentes nos traz de volta a lembrança ativa do loquaz alferes de Cavalaria Regular das Minas Gerais, o Tiradentes, fazendo-o ressurgir vivo, não na glória do seu martírio, mas na força de sua coragem e de seu incomensurável idealismo, como exemplo, para dele retirarmos lições que nos estimulam a mantermos inabaláveis os ideais de amor à Pátria e à liberdade.